

**The Inclusive Museum, Granada – 6, 7 e 8 setembro 2018**  
***Inclusion as shared vision: Museums and Sharing Heritage***

**Ana Sofia Nunes**

A 11ª edição da Conferência *The Inclusive Museum* realizou-se nos dias 6, 7 e 8 de setembro de 2018, e teve o tema *Inclusion as shared vision: Museums and Sharing Heritage*. Os dias três dias do encontro foram vividos na cidade espanhola de Granada, sendo que os dois primeiros dias foram dedicados às comunicações, partilhas e discussões e o último à visita ao Museo Memoria de Andalucía e ao passeio por Albaicín. Foram várias as sessões interessantes a que assisti e em algumas revivi os mesmos problemas e debates que se vivem em Portugal atualmente.

A problemática das narrativas foi fortemente abordada. Os **museus não são** nem devem ser **neutros**. Os museus têm uma ideologia que é formada e colocada em prática através de vários fatores: a política cultural, os hábitos institucionais, a cultura organizacional, os valores institucionais, a bagagem académica, as motivações e os valores pessoais de quem lá trabalha. Enquanto instituições do património cultural os museus são guardiões e promotores do património cultural e enfrentam constantemente múltiplos desafios: estarão os museus preparados para uma **sociedade tão diversificada** como a de hoje? Os **museus devem ter um papel crítico e reflexivo** mais ativo nas várias formas de se relacionarem com a grande diversidade que o rodeia. Trata-se de transformar os museus em espaços onde as pessoas das mais variadas origens têm **representação**. Torna-se cada vez mais necessário **descolonizar os museus** e estimular a participação dos mais jovens, seja pela necessidade de novos *skills* profissionais ou pela abertura a novos talentos e terrenos artísticos.

Mas a problemática das narrativas não se fica representação ou pelo dar voz a quem não a tem. Na realidade, todos os profissionais que trabalham com o passado fazem uma **reinterpretação** do mesmo, sendo que essa reinterpretação é feita com base no agora, com uma perspetiva

contemporânea. Como seria a vida se não conhecessêmos os vários pontos de vista da mesma história? Não é possível corrigir o passado nem ignorá-lo. **Aprender com o passado** é um ato de inteligência e há que entendê-lo; para isso é importante que as narrativas dos museus sejam pensadas por profissionais de áreas e com pontos de vista diferentes e é através desse diálogo que os museus podem e devem proporcionar uma maior **aceitação e tolerância** entre as pessoas e os povos.

Quanto ao trabalho com as comunidades houve uma partilha de experiências que demonstrou que é possível (e necessário até), que existam programas de aproximação às comunidades, seja através do trabalho com crianças, jovens ou adultos, com ou sem necessidades educativas especiais. Mostraram que o trabalho nos museus também é dar voz à comunidade envolvente, através da participação, quer seja público escolar ou não.

E onde se situa a temática **LGBTQI+** nos museus? A heterossexualidade nos museus é vista como a normalidade – a **heteronormatividade**. Somos treinados para ser de determinada forma mas o **QUEER** rompe com isso. Podemos ser diferentes. Somos, na realidade, todos diferentes; e a diferença, por vezes, causa desconforto. Se os museus são de facto agentes de mudança social na comunidade, devem promover a qualidade de vida das pessoas, e isso inclui todas as pessoas. Importa incluir o *Queer* na programação<sup>1</sup> dos museus. O *Queer* representa a luta entre o que é considerado “normal”; tem a **desnaturalização** como primeira estratégia e recusa-se a cristalizar uma forma específica; mantém uma relação de resistência com tudo aquilo que constitui o **normal**. Como tornar o Queer parte da prática diária? Tendo como argumento a **inclusão** (que está na lei), a instituição deve traçar um plano de ação LGBTQ+.

---

<sup>1</sup>Vale a pena ficar a conhecer esta exposição

<http://www.liverpoolmuseums.org.uk/walker/exhibitions/arts-council-collection/coming-out/>

Durante os dois dias de comunicações uma ideia muito clara foi transmitida: trabalhar com a deficiência não é fácil e podemos encontrar obstáculos a vários níveis. No entanto trata-se de um trabalho desafiante e enriquecedor. Um dos pontos principais para o desenvolvimento de boas práticas é de facto a **formação dos profissionais**. Compreender que a pessoa autista ou com demência ajuda os profissionais a estarem preparados para receber estas pessoas.

**Tornar uma instituição acessível para pessoas surdas ou com baixa audição** não é apenas ter textos de parede; é saber como acolher, agir com naturalidade. Além disso, as necessidades de um surdo e de alguém com baixa audição são diferentes<sup>2</sup>. Já quando se trabalha com a deficiência visual ou baixa visão, há que compreender que esta comunidade tem uma grande necessidade do tateamento. Por essa razão é cada vez mais importante a inserção de réplicas onde as pessoas possam mexer, bem como o recurso a imagens com relevo, manuseamento de texturas e até, quando aplicável, os cheiros, os sabores, os sons, audiodescrição.

Participar nesta conferência foi muito enriquecedor e pude tirar uma conclusão: as dificuldades que os profissionais de museus enfrentam manifestam-se de forma semelhante nos vários países (estavam 42 países representados).

#### Outros projetos de interesse para consultar

Acessibilidade - Projeto ARCHES

<https://www.educathyssen.org/laboratorios/arches>

Educação - Jogos nos museus

<http://www.danieladeangeli.com/gameful-museum>

Ativismo - *The Red Dress Project*

<https://www.youtube.com/watch?v=wSnC8H5gRSA>

---

<sup>2</sup>Vídeo do projeto de inclusão do Museu Van Gogh

<https://www.youtube.com/watch?v=fArInLjaVOo>